

5.º Congresso do Neolítico Peninsular

VICTOR S. GONÇALVES
MARIANA DINIZ
ANA CATARINA SOUSA
eds.

5.º Congresso do Neolítico Peninsular

Actas

Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa
Casa das Histórias Paula Rego
7-9 Abril 2011



5.º Congresso do Neolítico Peninsular

Actas

Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa
Casa das Histórias Paula Rego
7-9 Abril 2011

VICTOR S. GONÇALVES
MARIANA DINIZ
ANA CATARINA SOUSA, eds.



FLUL
FACULDADE
DE LETRAS
UNIVERSIDADE
DE LISBOA



estudos & memórias

Série de publicações da UNIARQ
(Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)
Direcção e orientação gráfica: Victor S. Gonçalves

8.
GONÇALVES, V.S.; DINIZ, M.; SOUSA, A. C., eds. (2015), 684 p.
5.º Congresso do Neolítico Peninsular. Actas. Lisboa:
UNIARQ.

Capa, concepção e fotos de Victor S. Gonçalves.
Pormenor de uma placa de xisto gravada da Anta
Grande da Comenda da Igreja (Montemor o Novo).
MNA 2006.24.1. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.

Paginação e Artes finais: TVM designers

Impressão: Europress, Lisboa, 2015, 400 exemplares

ISBN: 978-989-99146-1-2

Depósito Legal: 400 321/15

Copyright ©, os autores.

Toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a expressa autorização do(s) autor(es), nos termos da lei vigente, nomeadamente o DL 63/85, de 14 de Março, com as alterações subsequentes. Em powerpoints de carácter científico (e não comercial) a reprodução de imagens ou texto é permitida, com a condição de a origem e autoria do texto ou imagem ser expressamente indicada no diapositivo onde é feita a reprodução.

Lisboa, 2015.

Volumes anteriores de esta série:

1.
LEISNER, G. e LEISNER, V. (1985) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. estudos e memórias*, 1. Lisboa: Uniarch.
2.
GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. 2 Volumes. estudos e memórias, 2. Lisboa: CAH/Uniarch/INIC.
3.
VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. estudos e memórias 3. Lisboa: UNIARQ.
4.
QUARESMA, J. C. (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. estudos e memórias 4. Lisboa: UNIARQ.
5.
ARRUDA, A. M. ed. (2013) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 1. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, estudos e memórias 5. Lisboa: UNIARQ.
6.
ARRUDA, A. M. ed. (2014) – *Fenícios e púnicos, por terra e mar*, 2. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos, estudos e memórias 6. Lisboa: UNIARQ.
7.
SOUSA, E. (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. estudos e memórias 7. Lisboa: UNIARQ.

O sítio do Neolítico antigo de Casas Novas (Coruche). Leituras preliminares

■ VICTOR S. GONÇALVES¹, ANA CATARINA SOUSA²

RESUMO Apresentação dos resultados preliminares das Campanhas de escavação (2010-2011) em Casas Novas, sítio localizado nas margens do Rio Sorraia, afluente da margem esquerda do Tejo. Situado em terrenos arenosos, Casas Novas conserva os mais antigos vestígios de ocupação neolítica actualmente conhecidos na margem esquerda do Rio Tejo, situando-se relativamente próximo dos concheiros de Muge e Paúl de Magos. As cronologias absolutas evidenciam uma longa história de ocupação, duradoura no 6º milénio a.n.e. e episódica até ao século 5 a.n.e.

Palavras-chave: Neolítico antigo, Cerâmica cardial, Cerâmica com decoração *punto y raya*, Margem esquerda do Rio Tejo, Rio Sorraia

ABSTRACT The Early neolithic site of Casas Novas have been discovered in 2009 and digged in 2010-2011. Situated in sandy lands, the Casas Novas site, located in the left bank of the Sorraia River, a tributary of the left bank of the big Tagus River, preserves the most ancient traces of neolithic occupation at present known nearby Tagus River, being situated relatively near of the *concheiros* of Muge and Paúl de Magos. The radiocarbon chronologies shows up a long history of occupation, a long one dating of the middle 6th millennium B.C.E. and very short episodic occupations till the 5th century B.C.E. From the neolithic phase have been identified cardial and *punto y raya* potteries and many lithic artefacts: nuclei, bladlets, awls and geometric tools.

Keywords: Early Neolithic, cardial and *punto y raya* ceramics, left bank of the Tagus River, Sorraia River.

0. Projecto ANSOR. O regresso ao rio Sorraia

Em inícios dos anos 80, um dos signatários (VSG) apresentou, com Suzanne Daveau, um programa de investigação para o Vale do Sorraia (ANSOR), integrando-se no «Programa para o estudo da antropização do Baixo Tejo e afluentes». Este programa, publicado na revista *Clio Arqueologia* (Gonçalves e Daveau, 1983-84), consubstanciava um enquadramento espaço-temporal agora recuperado, uma vez que circunstâncias várias impediram a prossecução do projecto original.

Para uma definição do enquadramento do tempo e do espaço, recuperam-se as palavras publicadas há 27 anos: «O Tejo, nas áreas amplas influenciadas pelo seu próprio curso, pelo do Sorraia na margem esquerda e Rio Maior, na direita, representou um importante papel na fixação e crescimento de populações. Enquanto o grande rio constituía simultaneamente estrada e pólo de aglutinação, os afluentes rasgavam vias para o interior ou encaminhavam para ele comunidades distribuídas por diversas modalidades de organização económica e social. Na massa de informação não tratada e nas

possibilidades de aquisição de novos dados, o faseamento do projecto privilegiou dois momentos de transição, em que disparam complexos mecanismos de passagem: o Mesolítico, e o subsequente processo de neolitização, e o estabelecimento dos grupos de metalurgistas do cobre, equacionados estes últimos em função da evolução dos construtores de mégalitos» (Gonçalves e Daveau, 1983-84, p. 203).

O projecto ANSOR desenvolveu-se em 1982-1984, especialmente marcado pela intervenção no sítio calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Gonçalves, 1982, 1983-84) e pelos estudos geo-arqueológicos com Suzanne Daveau.

O regresso a Coruche e ao projecto ANSOR decorre a partir de 2010, através da intervenção do Presidente da Câmara Municipal, Dr. Dionísio Mendes. Este projecto (2010-2014) é desenvolvido no âmbito do Grupo de trabalho sobre as Antigas Sociedades Camponesas (Grupo 1 do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), sob a direcção dos signatários, estando previstas várias linhas de pesquisa numa cronologia abrangente, genericamente tendo como objecto o Neolítico e o Calcolítico.

Entre 1983 e 2011, o que mudou no panorama de investigação, nesta região e na faixa cronológica entre o 6.º e o 3.º milénio a.n.e.?

No que se refere às *primeiras comunidades produtoras* e à passagem do Mesolítico para o Neolítico, em termos globais, à escala peninsular, alargou-se exponencialmente a informação disponível, expandindo-se a cartografia do povoamento ao interior e surgindo novos modelos de ocupação do território. A informação é contudo desigual, reflectindo diferentes rumos da pesquisa e também o impacto arqueológico dos grandes empreendimentos públicos.

No caso da bacia do Tejo, os concelhos de Benavente e de Salvaterra de Magos beneficiaram da construção da A13, onde foram identificados vários sítios integrados nas primeiras fases do Neolítico, nomeadamente o sítio de Monte da Foz (Neves, 2010), Moita do Ourives (Rodrigues, 2006; Neves, Rodrigues e Diniz, 2008), em Benavente. Os problemas deposicionais relacionados com os sítios em questão dificultam a definição crono-cultural e a caracterização de ocupação, lacuna a que acresce a escassez de matéria orgânica para datações absolutas. Também em Mora, num contexto mais interior, se registam os primeiros sítios do Neolítico antigo, como o sítio do Barrocal 1, também com semelhantes problemas deposicionais e tafonómicos.

Em Coruche, registam-se as recolhas pontuais efectuadas aquando da elaboração do PDM em finais da década de 90, ainda inéditos. Em Outubro de 1998, durante os trabalhos de campo preparatórios para a elaboração do PDM de Coruche, coordenados por Ana Cristina Calais, foram efectuadas recolhas de materiais arqueológicos em vários sítios originalmente registados como *Casas Novas*, por se integrarem hoje na Herdade com aquele nome. Um deles correspondia à área a poente de um pequeno pinhal, com achados dispersos, mas significativos: esses materiais, inéditos, encontravam-se expostos no Museu Municipal (os líticos) ou guardados na reserva do Museu (um fragmento de cerâmica asada e alguma cerâmica lisa).

Numa avaliação preliminar do espólio depositado no Museu Municipal de Coruche, estes materiais suscitaram uma visita ao sítio, prospecções preliminares, confirmando-se a presença de materiais (cerâmica, indústria lítica), que confirmam a cronologia do Neolítico antigo. Esta primeira análise foi publicada em 2010 na *Revista Portuguesa de Arqueologia* (Gonçalves, 2010), constituindo o preâmbulo das escavações efectuadas em 2010 e 2011.

A intervenção em Casas Novas correspondeu à nova fase do projecto ANSOR, procurando reconstituir genericamente as histórias da ocupação das primeiras sociedades camponesas no Vale do Sorraia.

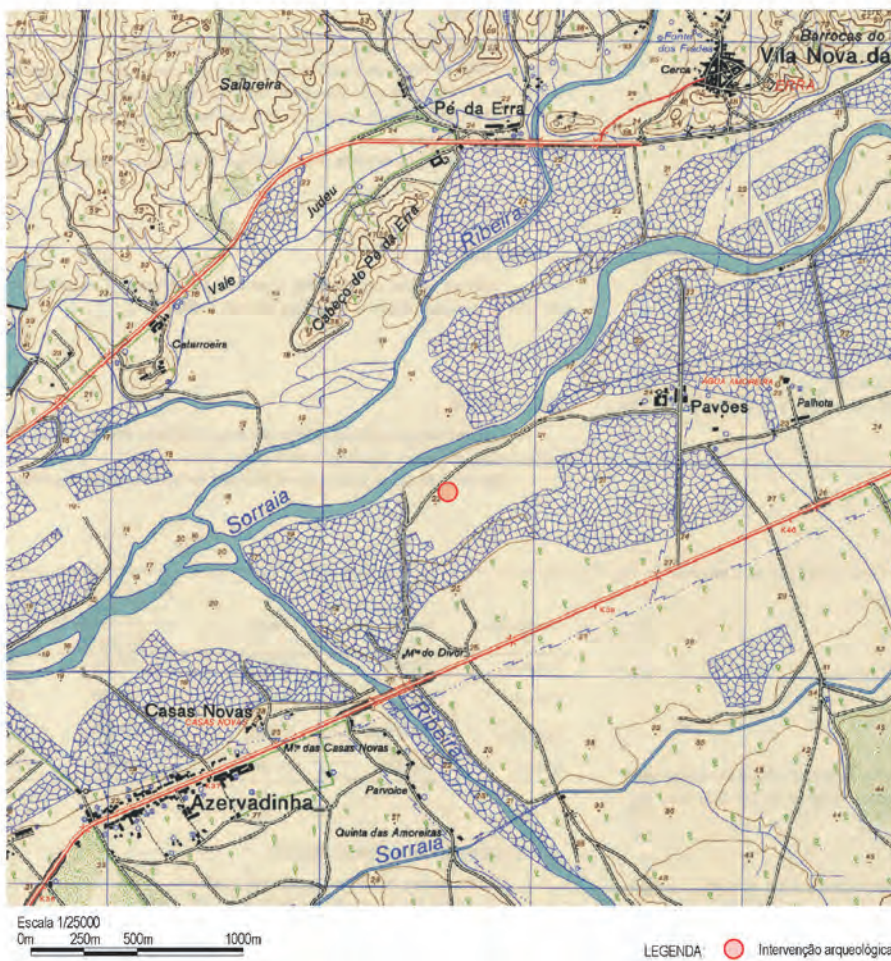


Fig. 1 Localização na CMP 393.

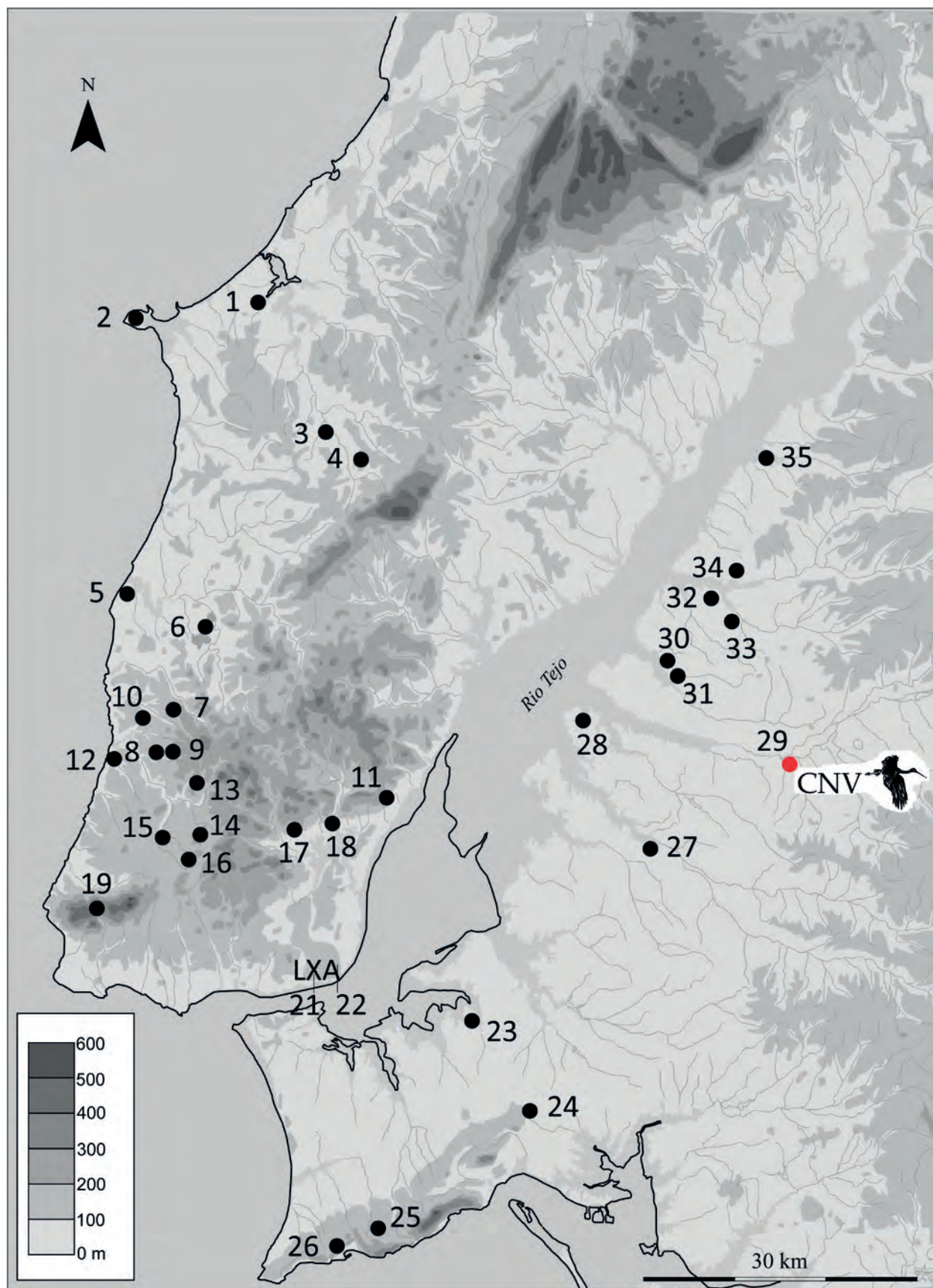


Fig. 2 Localização de Casas Novas na Península de Lisboa.

1 - Casa da Moura; 2 - Gruta da Furninha; 3 - Lapa do Suão; 4 - Gruta das Pulgas; 5 - Vale da Mata; 6 - Cova da Moura; 7 - Cova da Baleia; 8 - Sobreiro; 9 - Gonçalves; 10 - Gorçinhos; 11 - Moita da Ladra; 12 - São Julião; 13 - Cabeço de Alcainça; 14 - Negrals; 15 - Lameiras; 16 - Penedo da Cortegaça; 17 - Gruta do Correio Mor; 18 - Salemas; 19 - São Pedro de Canaferrim; 20 - Carrascal; 21 - Palácio dos Lumiares; 22 - Encosta de Santana; 23 - Gaio; 24 - Casal da Cerca; 25 - Fonte de Sesimbra; 26 - Lapa do Fumo; 27 - Moita do Ourives; 28 - Monte da Foz; 29 - Casas Novas; 30 - ORZ-1; 31 - Vala Real; 32 - Casas Velhas do Coelho; 33 - Amoreiras; 34 - Vale Lobos; 35 - Cortiçóis

1. O sítio de Casas Novas – Localização

O sítio de Casas Novas está situado na margem esquerda do Sorraia, afluente da margem esquerda do Rio Tejo. Basicamente, trata-se de uma área aplanada, com cerca de 1000 por 300 m (30 ha) e altimetrias entre os 21 e os 22 m, actualmente bordeada a poente por plantações de milho e arroz.

Situa-se no Distrito de Santarém, Concelho de Coruche, freguesia de Azervadinha e apresenta as coordenadas geográficas WGS84 de 38°58' 46,954" N, 08° 27' 32,747" W.

A paisagem estava marcada pela presença de um pinhal onde a visibilidade do solo era quase inexistente. A nascente e a poente, na área limítrofe do pinhal, verificava-se a presença de materiais de superfície, sendo particularmente abundantes na área nascente.

Não existem praticamente vestígios de agricultura recente, salvo a nascente do pinhal, onde houve uma plantação de tabaco e, depois, uma tentativa de plantio de batata, inutilizada pelas cheias. Os solos arenosos afastam uma utilização agrícola desta área, nomeadamente dos terrenos localizados a poente do pinhal, onde, segundo informações do proprietário, **não foram efectuados trabalhos agrícolas.**

A proximidade do Sorraia explica a localização do sítio, semelhante à de outros actualmente em estudo. Sazonalmente, as áreas referidas são submersas por subidas do Sorraia, sendo evidentes os sinais de transgressões sucessivas nestes terrenos.

O substrato geológico integra areias e argilas amarelas, acastanhadas ou avermelhadas, que afloram em toda a parte oriental do mapa, nos intervalos entre as ribeiras de Muge, de Lamarosa e de Magos, e o rio Sorraia.

A nível da geomorfologia, o entrosamento do Sorraia com o Tejo, o papel do Divor e as baixas altimetrias, tão estimadas pelos mesolíticos e por alguns neolíticos antigos, ajudam a compreender a lógica do povoamento. Na realidade, o modelo de povoamento é praticamente idêntico ao que se regista no vizinho concelho de Salvaterra de Magos, onde se conservam os notáveis Concheiros de Muge. Face a uma localização em área inundável, e ao carácter restrito dos recursos disponíveis, **(provavelmente relacionáveis com a caça e a recolocção), é possível que Casas Novas fosse apenas ocupado sazonalmente, mas de forma duradoura.**

2. Questões, estratégia, recursos e métodos

Face à confirmação da presença de um sítio com ocupações integráveis no Neolítico antigo, o desenvolvimento do projeto de intervenção procurou proceder a uma caracterização crono-estratigráfica do local.

O substrato sedimentar denunciava à partida limitações ao nível da conservação de níveis de ocupação e das estruturas associadas, sendo necessário determinar a sequência estratigráfica e avaliar o seu estado de conser-



Fig. 3 Paisagem de Casas Novas

vação. Os dados preliminares indicavam ainda a presença de alguns factores de perturbação dos solos, tornando-se necessária a sua definição.

Ao nível da cronologia relativa, os materiais de superfície indicavam uma ocupação dominante do Neolítico antigo, com alguns materiais integráveis em fases evoluídas do Calcolítico e da Idade do Bronze (Gonçalves, 2010).

A estratégia das intervenções nas Campanhas de 2010 e 2011 foi sucessivamente aferida face aos resultados entretanto obtidos.

Na Campanha de 2010, a intervenção centrou-se na área a nascente do pinhal, onde abundavam os materiais de superfície. Antes da intervenção, esta área apresentava o aspecto de um campo remexido por antigas intervenções agrícolas, mas visivelmente gravosas para os segmentos arqueológicos do mundo real, nomeadamente pela existência local do cultivo do tabaco, abandonado na década de 50 do século 20.

Para uma diagnose adequada do sítio, decidiu-se assim começar por quatro sondagens, duas em terreno plano, uma em pequenas clareiras já sem árvores do pinhal, compreendendo uma área de 62 por 50 m, onde se concentravam os materiais de superfície.

Num total foram intervencionados 72 m². Apesar da abundância de materiais, confirmou-se a perturbação dos contextos sedimentares, especialmente em área aberta. Foram identificadas várias áreas de combustão não estruturadas e restos organizados de áreas de fogo, nomeadamente solos ceramizados pelas altas temperaturas, em mau estado de conservação. A única Sondagem que permitiu uma leitura sequencial situava-se em pleno pinhal, reflectindo uma maior conservação dos contextos, mas com bioturbações originadas pelas raízes. Apesar de estes condicionalismos, a Campanha de 2010 confirmou uma cronologia muito antiga no Neolítico, com abundante acervo artefactual típico desta fase, nomeadamente com cerâmica cardial e cerâmica

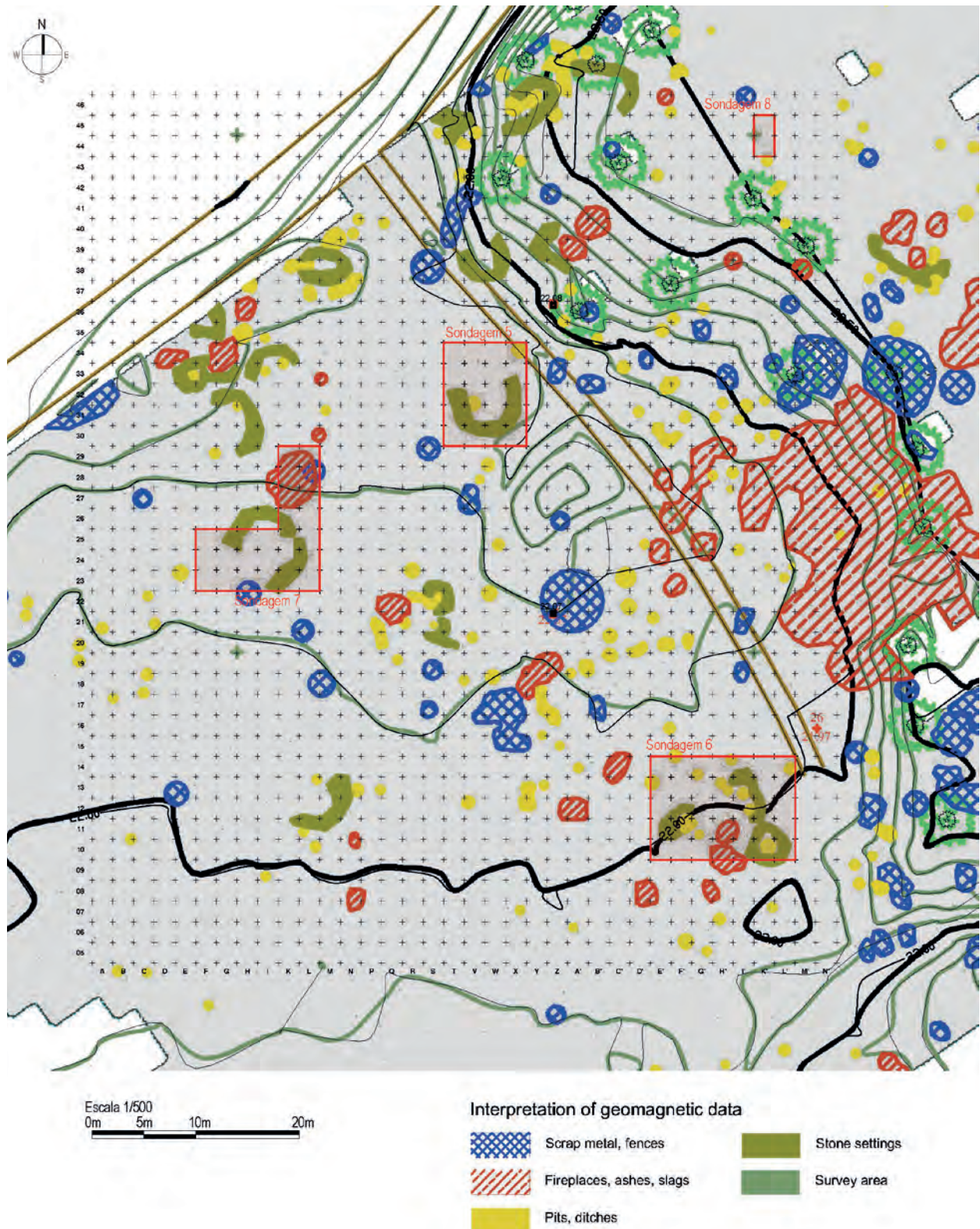


Fig. 4 Levantamento geofísico com implantação de sondagens.

punto y raya, bem como uma indústria lítica micro-laminar, com armaduras geométricas (segmentos e trapézios).

Na Campanha de 2011, a estratégia da intervenção foi centrada na área situada a poente do pinhal, onde aparentemente existiu menor perturbação dos solos, sendo escassos os materiais de superfície.

Para além da implantação de uma nova área de intervenção, considerou-se ainda fundamental obter uma leitura alargada do sítio, quer através da realização de levantamentos geofísicos quer através da abertura de extensas áreas de escavação, com o reforço da equipa de escavação e com uma Campanha mais prolongada (2 meses de trabalho de campo).

O levantamento geofísico antecedeu a Campanha de escavação.

Os trabalhos concentraram-se na área a Sul do pinhal. Não foi possível avançar com o levantamento geofísico no interior do Pinhal e o levantamento concentrou-se assim na área limítrofe.

As anomalias detectadas foram interpretadas face a tipologia do sítio, estando documentadas as seguintes ocorrências:

1. fossas (forma subcircular), representadas a amarelo;
2. **áreas consolidadas (com a forma de ferradura)**, representadas a castanho e interpretadas como cabanas;
3. áreas de combustão, representadas a vermelho;
4. anomalias metálicas, representadas a azul;
5. árvores, representadas a verde.

Combinando os indicadores geofísicos com a observação de superfície foram marcados três sectores, posteriormente alargados a quatro.

A selecção dos sectores a intervir seguiu os seguintes critérios:

1. Sector 5: cabana isolada, junto do pinhal, permitindo uma leitura integrada deste tipo de contexto;
2. Sector 6 e Sector 7: combinatória de ocorrências: cabanas, fossas e áreas de combustão. Pretendia-se obter um diagnóstico das áreas limite da ocupação;
3. Sector 8: Sondagem efectuada no Pinhal, para aferir a fiabilidade dos indicadores em área fechada.

A numeração dos sectores foi sequencial em relação à Campanha 1 (2010), na qual tinham sido abertos os sectores 1 a 4.

Os trabalhos geofísicos efectuados permitiram identificar um extenso conjunto de estruturas pré-históricas, nomeadamente fossas e áreas de combustão.

A escavação efectuada confirma genericamente o posicionamento das ocorrências detectadas no levantamento geofísico, embora a interpretação destas anomalias seja, em alguns casos (áreas consolidadas), distinta da que inicialmente foi proposta (cabanas).

A extensa área escavada (332 m²), aliada ao levantamento geofísico efectuado, permite confirmar com segurança que o sítio se encontra completamente caracterizado.

Na área intervencionada em 2011, registou-se um melhor nível de conservação, evidenciado pelas 32 estruturas identificadas (fossas, áreas de combustão, empedrados), mas o número de materiais e o seu estado de conservação é substancialmente inferior ao registado na Campanha de 2010. Confirmou-se a presença de perturbações nos contextos sedimentares, confirmados pelas datações de radiocarbono obtidas.

O método de escavação usado em ambas Campanhas, seguiu os níveis naturais, com uma adaptação à Pré-história do método Barker Harris (1977), banido por nós das intervenções em áreas sepulcrais, tais como os monu-

mentos megalíticos. Foi adoptada uma ficha de Unidade Estratigráfica adaptada aos contextos pré-históricos, usando os critérios enunciados por Diego Angelluci (2003). Os estratos foram registados segundo a sua deposição natural, optando-se por fazer planos artificiais de 5 cm no interior de cada estrato. Foi praticado, sempre que possível, para artefactos, o registo tridimensional.

A descrição estratigráfica seguiu numerações separadas em cada uma das sondagens (1 a n), efectuando-se, sempre que possível, equivalências de sectores. Nas interpretações finais foram realizados quadros síntese de equivalência. Em cada sector foi ainda efectuado um caderno de campo diferenciado. O sedimento foi crivado com malha fina e foram recolhidas amostras de todos os contextos.

Após a realização de escavações manuais, na fase final dos trabalhos (Sondagem 6) optou-se por proceder à remoção mecânica dos níveis superiores, praticamente estéreis.

No caso das fossas de combustão, o sedimento foi integralmente recolhido para posterior flutuação. Foram igualmente recolhidas amostras significativas de seixos para análise e possível uso museológico no Museu Municipal de Coruche.

Os recursos necessários para estas Campanhas foram assegurados pela Câmara Municipal de Coruche, quer ao nível da logística da equipa de escavações (10 elementos em média em 2010 e 16 em média em 2011), quer na disponibilização de apoio técnico para o levantamento topográfico e para a cobertura das sondagens.

O proprietário, Eng. Pedro Bom, sobrinho-neto de Afonso do Paço, autorizou os trabalhos arqueológicos previstos.

3. A Campanha de 2010

3.1. Descrição dos trabalhos

Os trabalhos decorreram sob a direcção de Victor S. Gonçalves, com a coordenação de campo de André Pereira e Ana Catarina Sousa durante o mês de Julho de 2010.

Inicialmente foram marcadas três sondagens (sondagens 1 a 3) e, na segunda quinzena de escavação, foi aberta uma quarta Sondagem (Sondagem 4). Num total foram intervencionados 72 m².

3.2. Leitura estratigráfica

A leitura estratigráfica realizada foi fortemente condicionada pelo contexto sedimentar de areias, onde as alterações pós-deposicionais são elevadas. Neste contexto, as perturbações causadas pela agricultura e pela utilização florestal acentuaram os problemas deposicionais.

Face a estes usos, torna-se difícil estabelecer com segurança estratos sedimentares e níveis de ocupação e correlacionar as sequências detectadas nas quatro sondagens.

Quadro 1 Leitura estratigráfica síntese da Campanha 1(2010). NV = Nível.

	Sondagem 1	Sondagem 2	Sondagem 3	Sondagem 4
Camada superficial	NV 1	NV 1	NV 1	NV 1, NV 2
Nível de ocupação, com estruturas associadas	NV 2	NV 2, estrutura A	NV 2	NV 3, estrutura B, MC 1, 2, 3
Nível de seixos	NV 3	NV 2B ?	NV 2?	
Paleossolo	NV 4, NV 5	NV 3	NV 3	NV 4, NV 5
Nível de seixos	NV 6	NV 4	NV 4	NV 6

A Sondagem 1 e a 4, mais próximas do pinhal, são aquelas onde se regista um maior grau de preservação, podendo eventualmente ser extrapolada para as restantes.

Assim, regista-se a presença de uma camada superficial muito móvel, com abundantes materiais arqueológicos, integráveis no Neolítico antigo, muito afectada por trabalhos agrícolas.

O nível de ocupação encontra-se imediatamente sob esta camada. Apesar da pouca compacidade do estrato, não se regista a presença de materiais intrusivos. Em duas das sondagens (2 e 4) foram identificados vestígios de possíveis estruturas, áreas de combustão não estruturada bem como fragmentos de terra ceramizada pela temperatura da combustão.

Um nível de seixos intermédio, decorrente da flutuação do Sorraia, apenas foi identificado na Sondagem 1, mas noutras sondagens essa situação pode ser hipoteticamente aventada, a avaliar pela presença de abundantes seixos na base dos níveis 2 na Sondagem 2 e 3.

O paleossolo apresenta uma coloração mais clara, com escassos materiais, provavelmente migrando dos

estratos superiores (S1 - NV 4, 5; S2 - NV 3; S3 - NV 4; S4 - NV 4, 5).

Em todas as sondagens se registou a presença de um nível basal composto por seixos, escavado nas sondagens 1, 2 e 4.

4. A campanha de 2011

4.1. Trabalhos efectuados

Numa primeira fase, foi efectuado um levantamento geofísico, dirigido por Cornelius Meyer - Eastern Atlas - Geophysical Prospection.

Os trabalhos de escavação decorreram entre 4 a 22 de Julho e entre 9 a 23 de Setembro de 2011 sob direcção dos signatários, num total de 32 dias de efectivo trabalho de campo.

No total, a área marcada tem uma área de 90 m (eixo Y) por 72 m, tendo sido escavado um total de 332 m².



Fig. 5 Perfil estratigráfico da Sondagem 1.

4.2. Descrição e interpretação de estruturas e estratigrafia

4.2.1. Níveis de ocupação

Quadro 2 Leitura estratigráfica síntese da Campanha 2 (2011)

		Sondagem 5	Sondagem 6	Sondagem 7	Sondagem 8
Nível superficial		UE 1, 2	1, 17, 18	1, 2, 3, 6	1, 2
Nível de ocupação	Estratos	UE 3-6-19	3, 8	4	3, 4
	Estruturas	5, 7, 8, 9, 11, 14, 15, 16, 24	2, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14m 15, 16, 19	5, 8, 9	
Nível de seixos, pouco consistente		10		7	5
Paleossolo		21, 8	7		6
Nível de seixos		13, 25		10	7

A matriz sedimentar arenosa, tipo praia, levanta grandes problemas quer ao nível da conservação da matéria orgânica, virtualmente ausente de Casas Novas, quer ao nível da preservação do sítio.

Embora escasseiem os materiais recentes, são claros os indícios de percolação das camadas, visíveis na sua delimitação ondulante e na presença de alguns materiais integráveis na Idade do Bronze. Segundo fontes locais, a área onde se implantaram as sondagens em 2010 e 2011 fica frequentemente inundada durante as chuvas de Inverno, o que também deverá ocasionar a mobilidade dos sedimentos.

Apesar destas circunstâncias, verifica-se um relativo equilíbrio dos estratos identificados nas sondagens.

O nível de ocupação é pouco expressivo em termos sedimentares, marcado por uma ligeira maior compactidade e por uma coloração um pouco mais escura. Assenta directamente sobre paleossolo e cobre ou corta estruturas, maioritariamente negativas. Em relação à intervenção de 2010, verifica-se que existe uma presença mais ténue de um nível de seixos intermédio, ainda com materiais arqueológicos.

Sectorialmente optou-se por efectuar uma Sondagem de caracterização geomorfológica (L.23 no Sector 7, Y30 no Sector 5 e K.44 no Sector 8), que permitiu atestar a presença de um nível de areias estéril cobrindo uma camada de seixos.

4.2.2. As estruturas

Foram detectadas 37 estruturas: 1 na sondagem 2, 4 na sondagem 4, 15 na sondagem 5, 13 na sondagem 6, três na sondagem 7 e uma na sondagem 8. O conceito de estrutura é entendido no seu sentido mais lato, incluindo todas as possíveis evidências de construções antrópicas.

No contexto de Casas Novas, é complexo determinar a origem antrópica para muitas das realidades identificadas, nomeadamente os contextos que integram seixos de rio, e é certo que os níveis de ocupação terão sido afectados pelas dinâmicas pós deposicionais relacionadas com

os trabalhos agrícolas e com a mobilidade de origem eólica e por percolação.

Um dos indicadores que parecem confirmar a origem antrópica destes contextos é a associação a materiais



Fig. 6 Perfil estratigráfico da Sondagem 6

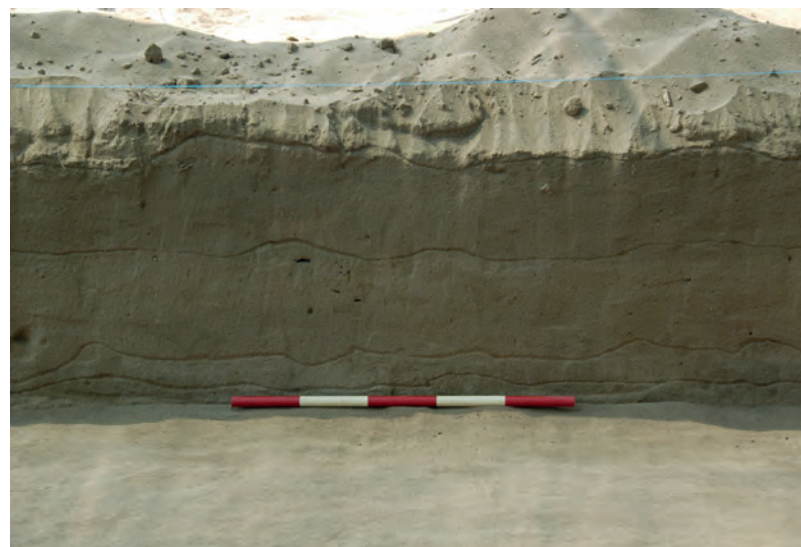


Fig. 7 Perfil estratigráfico da Sondagem 6



Fig. 8 Estruturas de combustão na Sondagem 7.

arqueológicos quer diretamente nas estruturas quer nos estratos que estão relacionados.

A interpretação de estruturas desta cronologia é sempre complexa pois escasseiam os paralelos publicados para esta cronologia. Para contextos sedimentares arenosos consideraram-se os casos do concheiro de São Julião C, Mesolítico (Sousa, 2004), o sítio Mesolítico e Neolítico de Vale Pincel (Silva e Soares, 2003; Silva e Soares, no prelo) e o sítio do Neolítico antigo de El Retamar (Ramos Muñoz e Lazarich González, 2002).

Podemos identificar três grandes tipos de estruturas:

- estruturas de combustão, maioritariamente fossas, escavadas nos níveis imediatamente sobre o paleosolo;
- fossas sem sinais de combustão, possivelmente relacionadas com armazenamento ou dejectação;
- estruturas pétreas expeditas, construídas com seixos.

Fossas com sinais de combustão

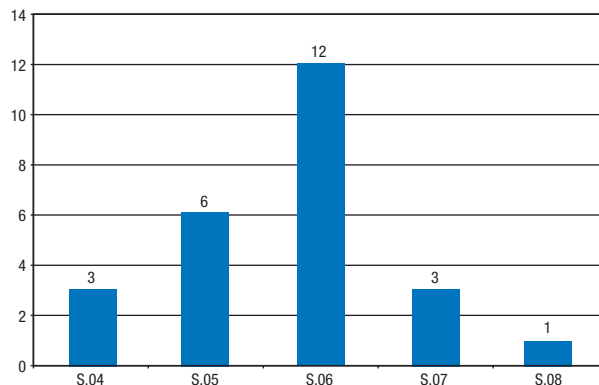


Gráfico 1 Áreas de combustão identificadas nas sondagens (S)

As estruturas de combustão constituem a realidade mais frequente em Casas Novas, correspondendo a 25 das 37 ocorrências detectadas.

Estas estruturas apresentam-se como o preenchimento de uma fossa de dimensões reduzidas (entre



Fig. 9 Estruturas de combustão na Sondagem 6.

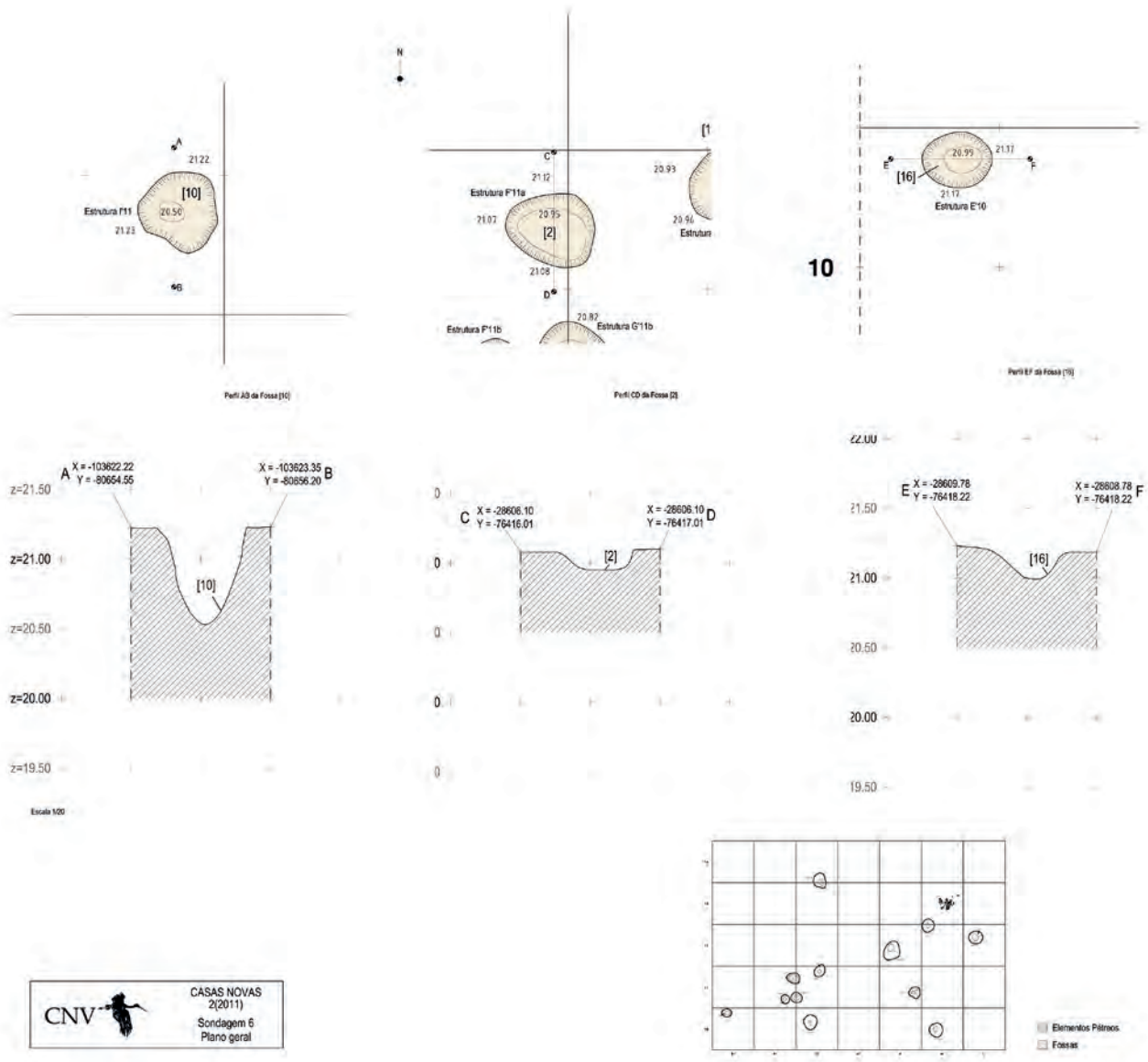


Fig. 10 Tipologia das fossas de combustão.

40 cm e 80 cm) e com profundidades variadas. Praticamente não se regista a presença de termoclastos, surgindo apenas uma grande concentração de carvão.

Destacam-se, deste tipo de estruturas de combustão, três realidades:

- Áreas abertas de combustão, nomeadamente na estrutura U.E. 2 da Sondagem 6 e as UES 14 e 23 da Sondagem 5.
- Fossas profundas como a U.E. 10, (Sondagem 6) onde não se recolheu qualquer material arqueológico. Para este tipo de realidade, coloca-se a hipótese de se tratar de buraco de poste ou de um tronco antigo.
- Contextos com fossa baixa, de forma semicircular, correspondendo a lareiras.

Foi recolhido um número significativo de materiais em associação directa a estas estruturas, destacando-se o fragmento de cerâmica cardial recolhido na Sondagem 7, U.E. 5.

Estas morfologias são paralelizáveis com conjuntos coevos em contextos arenosos, tal como Vale Pincel ou o concheiro de São Julião, podendo corresponder a episódios da ocupação antiga de Casas Novas.

Na área intervencionada em 2010, regista-se a associação de áreas de combustão a nódulos de argila, ou, muito provavelmente, terra ceramizada. Regista-se a área de concentração de argila ceramizada na Sondagem 2. Num dos nódulos, foram identificados moldes de sementes de gramíneas, provavelmente cevada (*Hordeum*).

Fossas de armazenagem ou dejeção

Na sondagem 5 foram detectadas duas grandes fossas, preenchidas com sedimento fino, claro e muito pouco compacto, com grande abundância de material arqueológico, nomeadamente cerâmica (alguns fragmentos de grandes recipientes) e indústria lítica.

Estas fossas apresentam-se como conjuntos oblongos (cerca de 2 m de eixo maior) e de baixa profundidade,

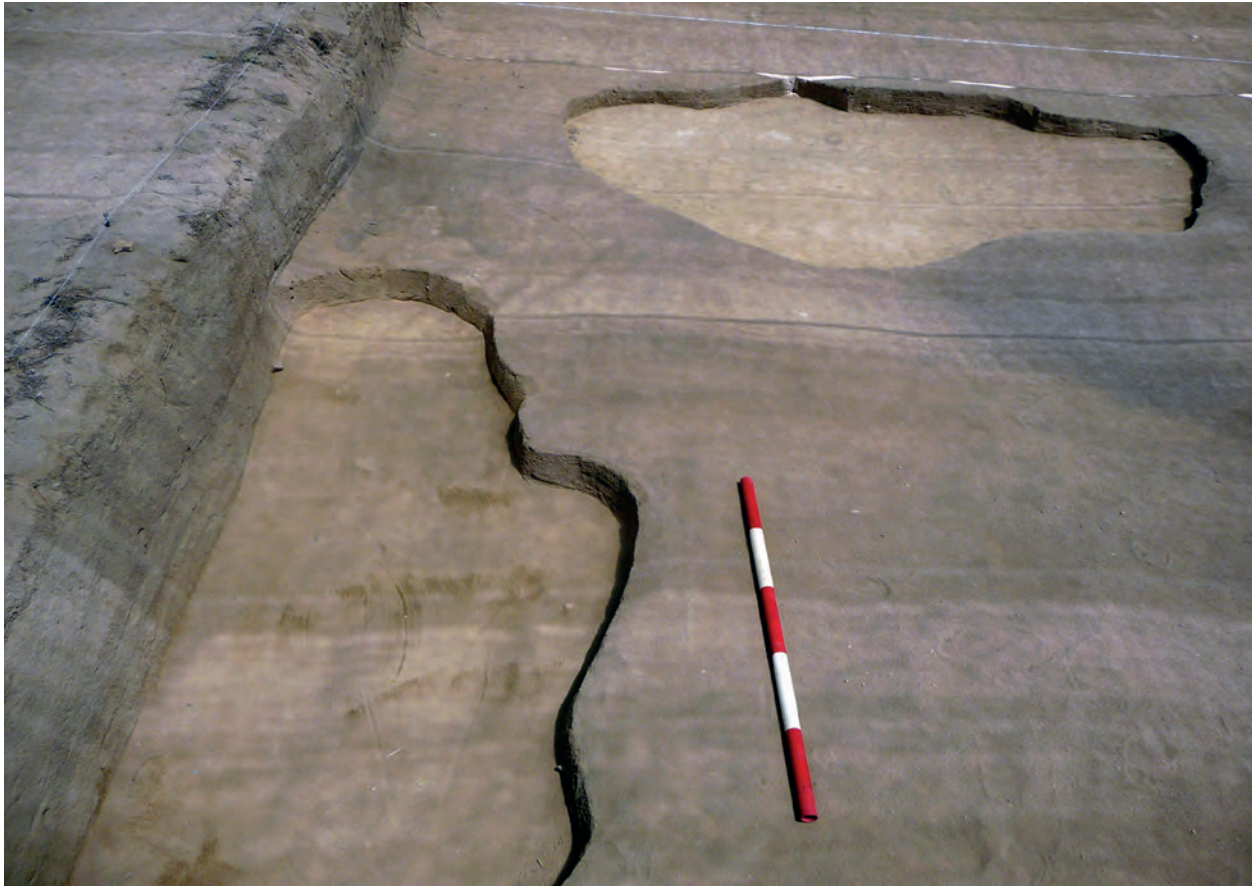


Fig. 11 Aspecto das fossas U.E. 7 e 5 (18.Jul.2011).



Fig. 12 S5: estruturas pétrea U.E. 15.

encontrando-se em associação espacial com áreas de combustão.

A ausência de sinais de combustão, a presença abundante de material arqueológico, leva-nos a considerar duas possíveis funcionalidades:

- armazenagem: eventualmente confirmada pela presença de cerâmicas de aprovisionamento e de sementes (cronologia ainda não confirmada);
- dejeção: deposição de resíduos em fossas.

Estruturas pétreas

As quatro estruturas pétreas detectadas apresentam-se como construções expeditas, apenas usando matéria-prima local (seixos).

Apenas se registou a presença de estas estruturas nas Sondagens 5 e 6, as quais evidenciam a ausência de sinais claros de combustão, com escassos indícios de carvão e de termoclastos.

A sua interpretação como depósitos antrópicos está fundamentada na sua estruturação e no posicionamento estratigráfico.

Assim, verifica-se a sobreposição de estruturas pétreas sobre fossas de combustão, como sucede com a U.E 12 (Sector 5) e a interpolação com níveis de ocupação, como sucede com a U.E. 15 e 22, associadas ao estrato U.E. 20-21 e em relação directa com uma fossa de combustão, no caso da U.E. 15.

No caso da U.E. 12, 22 e 19, poderíamos estar perante empedrados, com paralelos em Vale Pincel, por exemplo.

Contudo, o caso da U.E. 15 reveste-se de particular complexidade, não existindo, no actual território português, paralelos publicados para este tipo de realidade.

A forma alongada, a sua espessura (cerca de 80 cm) e os indícios de intencionalidade na deposição dos seixos parecem indicar que se trata de uma construção antrópica, com uma funcionalidade pouco clara. A deposição de este volume de seixos poderia eventualmente estar relacionada com um contexto funerário, realidade praticamente desconhecida para contextos do Neolítico antigo. No entanto, a mesma situação foi registada para o Neolítico da área de Sines (informação verbal de Carlos Tavares da Silva).

Cabanas?

No levantamento geofísico estava ainda reportada uma outra realidade, anomalias que indicariam a presença de estruturas habitacionais de forma em ferradura.

Verificou-se que estas anomalias correspondiam a pacotes sedimentares endurecidos, sem vestígios de componentes pétreos. Esta realidade encontra-se particularmente bem documentada no Sector 5, U.E. 4, que apresentava um sedimento muito compacto, escuro e sem materiais arqueológicos, bem como uma camada idêntica no Sector 6 (também U.E. 4).

Sendo certo que não se verificou a presença de cabanas construídas, colocam-se duas hipóteses:

- construção expedita em terra, prevendo-se a realização de análises sedimentares para análise do sedimento destes contextos;
- sedimento endurecido pelo contacto com áreas de combustão.

5. Materiais arqueológicos

Uma perspectiva geral

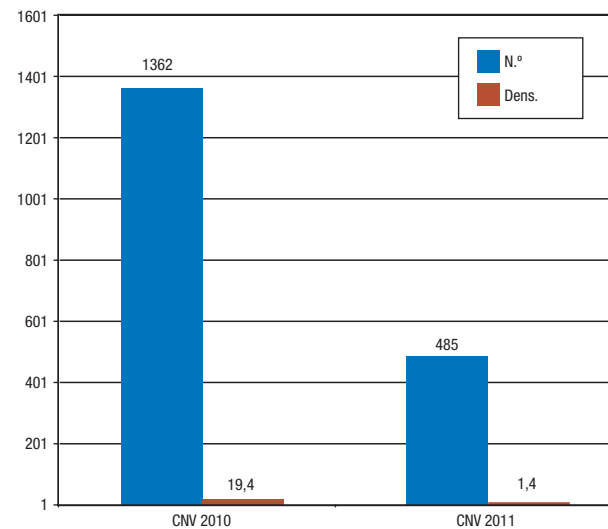


Gráfico 2 Perspectiva comparativa dos registos individuais (materiais classificáveis e amostras orgânicas) das duas áreas intervencionadas.

O estudo dos materiais arqueológicos recolhidos nas campanhas de 2010 e 2011 encontra-se ainda em curso, efectuando-se aqui apenas uma breve apresentação do conjunto.

Numa leitura espacial, podemos constatar que a área a Este do Pinhal (intervencionada em 2010) regista uma maior concentração de materiais, quer em número total de registos (74% do conjunto), quer ao nível da densidade de material por metro quadrado (19,4 peças em 2010 vs 1,4 peças por metro quadrado em 2011). Verifica-se ainda um melhor estado de conservação (integridade e superfícies) dos materiais recolhidos em 2010.

Os indicadores artefactuais, aliados à observação estratigráfica, permitem assim confirmar que o núcleo principal do *habitat* se concentraria a Este, provavelmente sob o pinhal (a avaliar pelos resultados obtidos na sondagem 1, aí efectuada).

Em termos das presenças relativas (gráfico 3), deve ser realçada a escassez de matéria orgânica, registando-se apenas alguns fragmentos de carvão, nomeadamente junto às áreas de combustão. A indústria lítica (pedra lascada) atinge 78% do total do conjunto, correspondendo a valores muito elevados, em comparação com conjuntos coevos.

Embora escasseiem os dados publicados para outros conjuntos, nomeadamente Lameiras, que permanece incompreensivelmente inédito, refira-se o caso de Valada

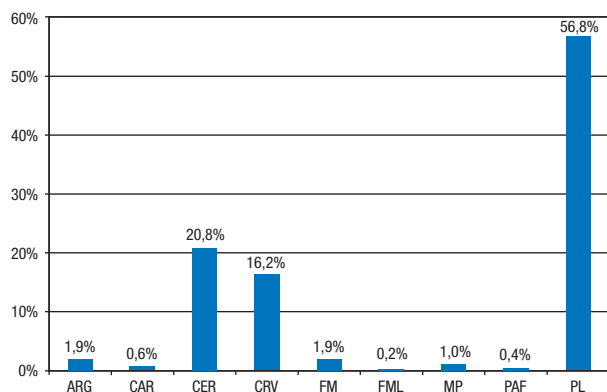


Gráfico 3 Leitura comparativa dos materiais arqueológicos de Casas Novas.

do Mato, com 63% de cerâmica e 37% de pedra lascada (Diniz, 2007). Contextos «mais mesolíticos», como El Retamar, registam 98% de pedra lascada (Ramos e Lazarich, 2002) ou Xarez 12 - nível 3, com 99% de pedra lascada (Gonçalves, Sousa e Marchand, no prelo). Para os *habitats* da costa Sudoeste, poderá também ser atestada uma situação semelhante a Casas Novas, referindo-se para Samouqueira II um *ratio* de 81 peças por metro quadrado (pedra lascada) e 32 (cerâmica) e para Medo Tojeiro de 8 (pedra lascada) e 3 (cerâmica) - (Soares, 1997, p. 603).

Pedra lascada

Foram identificadas duas cadeias operatórias: a das macro-indústrias sobre seixo e a indústria micro-laminar.

São particularmente relevantes, em termos cronoculturais, as indústrias micro-laminares, existindo actualmente uma caracterização genérica do talhe no Mesolítico final (Marchand, 2001) e no Neolítico antigo da Estremadura e Algarve (Carvalho, 1998, 2007) e do Alentejo (Diniz, 2007; Gonçalves, Sousa e Marchand, no prelo).

A documentação disponível para as várias áreas regionais parece indicar a possível existência de especificidades regionais, ainda que os autores defensores de uma neolitização démica pioneira, acentuem a existência de rupturas entre os contextos mesolíticos e os do neolítico antigo cardial, nomeadamente o uso da pressão, a escassez ou raridade da técnica do micro-buril e a tipologia das armaduras (segmentos).

No contexto específico de Casas Novas, será importante correlacionar as técnicas de talhe com os contextos mesolíticos regionais, nomeadamente com os vizinhos concheiros de Muge, aguardando-se os resultados dos projectos em curso (Bicho *et al.*, 2011).

Em termos gerais, as presenças registadas em Casas Novas (2010 e 2011) evidenciam a presença de todas as etapas da cadeia operatória micro-laminar, com a presença de núcleos e restos de reavivamentos de núcleos (*tablettes* e flancos). A proporção das várias etapas: material de preparação e reavivamento (7,5%), material de debitage (46,6%), núcleos (4,5%), material residual e utensilagem (10,2%) indica claramente que o talhe seria efectuado em Casas Novas, denunciando

uma debitage local semelhante a contextos neolíticos coevos.

Em termos da economia de debitage, verifica-se que apesar da captação local de quartzito, são relativamente raros os artefactos obtidos a partir de seixos, dominando a indústria micro-laminar. Nesta, verifica-se que o sílex é maioritário, com uma grande diversidade de matérias, o que poderá indicar captações de nódulos carregados pelo Tejo e, ou, a exploração de redes de troca com a vizinha Estremadura. O quartzo está também presente, matéria utilizada para a produção de artefactos expeditos.

Decorre ainda o estudo técnico-tipológico, estando atestada a presença de percussão indirecta e de pressão, com núcleos prismáticos. Ao nível dos produtos de debitage (46%), dominam as lascas e os produtos alongados, entre os quais se regista a presença maioritária de lamelas e algumas pequenas lâminas (entre 12 e 14 mm de largura). Regista-se a presença residual de micro-buril.

A utensilagem corresponde a cerca de 10% do universo da pedra lascada, encontrando-se documentados os grandes grupos de utensílios retocados do Neolítico antigo (sg. Carvalho, 1998), nomeadamente: a) lâminas e lamelas de retoque e uso marginal; b) lascas de retoque marginal; c) entalhes e denticulados sobre suporte alongado; d) entalhe ou denticulado sobre lasca; e) furador; f) armaduras; g) truncaturas; h) fundo geral.

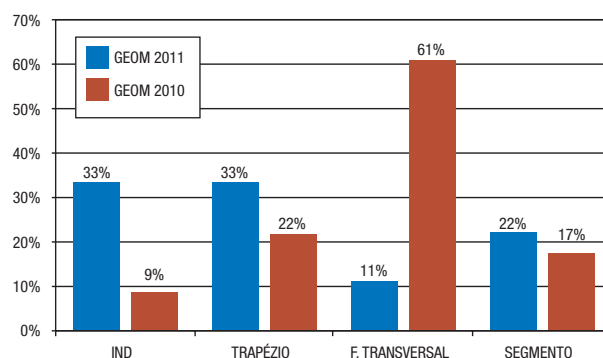


Gráfico 4 Leitura comparativa das armaduras de Casas Novas

As proporções são equivalentes nas duas Campanhas ao nível dos produtos debitados e da utensilagem. Ao nível da utensilagem, os geométricos correspondem aos utensílios mais frequentes (3,4% do conjunto). Os geométricos (total de 32 exemplares) distribuem-se por várias tipologias, destacando-se a presença de flechas transversais sob pequenas lâminas ou lamelas largas, numa proporção sem paralelos em contextos coevos portugueses. Numa observação preliminar de Ângela Ferreira, regista-se a presença de sinais de uso no lado maior para corte.

Pedra polida

Na Campanha de 2010, foram detectados artefactos de pedra polida: muito pouco numerosos, normalmente muito fragmentados, incluindo alguns exemplares em fase de preparação.

CNV-2010-LÍTICOS 2



Furador sobre produto alongado V.1-41



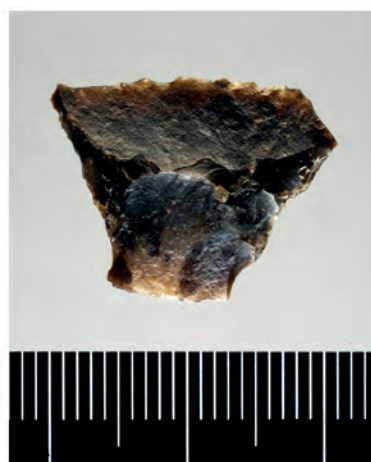
Furador sobre lamela V.15-01



Microburil Y.28-132



Trapézio S.2-01



Ponta de seta transversal T.15-12

Fig. 13 Indústria lítica de Casas Novas.

Pedra afeiçãoada

Percutores em quartzo e quartzito e moventes (granito). A presença de elementos de moagem pode indicar a presença de práticas agrícolas, confirmando os indicadores propiciados pela identificação de sementes de cevada (*Hordeum*).

Argila

Deve ser referida a escassa presença de vestígios de argila de revestimento. É particularmente representativa a sua presença na Sondagem 5 (junto à estrutura de seixos que constitui a U.E. 15) e na Sondagem 6 (associada a estrutura de combustão). Na sondagem 2, registou-se a presença de terra ceramizada.

Recipientes cerâmicos

Em todos os sectores foram recolhidos fragmentos de cerâmica decorada integrável no Neolítico antigo, embora com valores relativos distintos nas duas Campanhas. Na Campanha 1 (2010) é mais abundante o número de cerâmicas recolhidas, em bom estado de conservação.

Regista-se a presença de cerâmica lisa e decorada.

A cerâmica decorada inclui:

1. impressa cardial;
2. impressa não cardial;
3. incisa com traços finos;
4. incisa com *punto y raya*, surgindo, por vezes, em associação com decorações impressas, incluindo motivos cardiais.
5. técnica mista, impressa e incisa.

Regista-se ainda a presença de elementos plásticos, nomeadamente cordões plásticos (alguns com incisões), mamilos e asas verticais.

As formas, decorações e aplicações plásticas evidenciam uma cronologia claramente integrável no Neolítico antigo.

Na área poente do pinhal, concentra-se a cerâmica cardial, recolhida à superfície (3 fragmentos), na Campanha de 2010 (13 fragmentos) e na Campanha de 2011 (1 fragmento). As contagens são ainda provisórias, mas, considerado o universo conhecido para o actual território português, trata-se de um conjunto bastante relevante. Na quantificação recentemente publicada por A. F. Carvalho (Carvalho, 2011), apresentam-se as presenças relativas das tipologias decorativas (publicadas e, ou, conhecidas), incluindo-se a presença de impressões cardiais. A maior parte dos contextos apenas regista uma presença isolada de uma peça com decoração cardial (Várzea do Lírio, Eira Pedrinha, Buraca Grande, Gruta do Caldeirão, Cabeço da Ministra, Gruta do Escoural, Padrão), duas peças (Abrigo da Pena d'Água e Cabranosa) e apenas a Galeria da Cisterna da Nascente do Rio Almonda ultrapassa a contagem provisória de Casas Novas, com 18 fragmentos documentados. Para além desta listagem, podemos ainda registar a presença de cardial na margem esquerda do Tejo em ORZ 1, no Paúl de Magos (trabalhos inéditos de Victor S. Gonçalves). Em termos absolutos, «...a percentagem da cerâmica cardial é muito variável mas, por regra, não ultrapassa um terço dos efectivos decorados» (Carvalho, 2011, p. 247).

Para além do cardial, é particularmente significativa a presença de cerâmica decorada com a técnica *punto y raya*, também designado como «boquique» ou «sillon d'impressions». Em Casas Novas existe mesmo a associação das duas técnicas decorativas.

A coexistência de domínios cerâmicos cardiais e de *punto y raya*, e uma leitura transversal do radiocarbono disponível, parece conduzir a leituras integradoras des-



Fig. 14 Núcleos de lamelas de Casas Novas.



Fig. 15 Cerâmica decorada de Casas Novas.

tes tipos decorativos: «Las dataciones absolutas no muestran significativas diferencias entre el boquique y el cardial: parecen compartir un nicho central muy común, que, en ambos casos, encuentra antecedentes» (Alday Ruiz e Moral del Hoyo, 2011, p. 77). Outros autores referem que a presença da cerâmica decorada com *punto y raya* corresponde ao chamado «neolítico antigo evoluído» (Carvalho, 2007, p. 32). No actual estado dos conhecimentos, com os escassos contextos publicados e datados, não é possível estabelecer quadros definitivos,

embora pareça possível a existência de influências variadas. A este respeito, vejam-se os paralelos formais das cerâmicas de Casas Novas com La Vaquera, em Segóvia.

Matéria orgânica

Abundante presença de carvão, ainda que em micro-quantidades, algumas esquirolas de osso (incluindo um osso de *Ovies aries* segundo a classificação de Cleia Detry).



V.1-106



S.2-13



V.5-13

Fig. 16 Cerâmica decorada no bordo (V.1-106) e com decoração cardinal (S.2-13; V.5-01).

6. Cronologia absoluta e relativa

Quadro 3

Ref. Lab	Sector	Registo	Amostra	Idade (anos BP)	Cal BP 2 σ (95% p)	Cal BC 1 σ (65% p)	Data cal BC 2 σ (95% p)
Beta-310057	6	CNV-G'11-19- -UE14	Carvão	6680 \pm 40	7610-7480	5630-5560	5660-5540

Foram obtidas, no total, oito datações absolutas para Casas Novas, sendo Beta-310057 (acima) a que se refere à ocupação neolítica da área a poente do Pinhal, interencionada em 2011. Apenas se usou carvão, matéria recolhida no interior das fossas de combustão.

Assim, está documentada a ocupação do Neolítico antigo entre 5660-5540, consentânea com o espólio integrável no Neolítico antigo exumado na Campanha de 2010 e de 2011, amostra da Sondagem 6. Documenta-se uma ocupação em finais do 4.º milénio, eventualmente documentada em algumas cerâmicas lisas (Sondagem 7). A ocupação de superfície do Bronze médio e final está documentada por quatro datações nos sectores 6 e 5 e registaram-se ainda duas datações da Idade do Ferro (sector 6 e 7).

Estas datações permitem com segurança apresentar algumas conclusões:

1. este local foi visitado durante uma longa diacronia, provavelmente ocupações sazonais numa praia fluvial;
2. as características geoarqueológicas do sítio impedem uma documentação estratigráfica precisa destes diversos momentos de ocupação, registando-se um pacote sedimentar único, sobre o paleossolo, com várias estruturas escavadas no subsolo, correspondendo a uma estratigrafia horizontal.

A data obtida, é claramente mais recuada que os contextos mais antigos reportados em território hoje português, nomeadamente Gruta da Nascente do Rio Almonda (OxA-9287 - 5480-5320 cal BC a 2 sigmas) e da Gruta do Caldeirão (OxA-1036 - 5480 - 5070 cal BC a 2 sigmas). Entre nós, apenas se reportam datas tão antigas em Vale Pincel 1, as quais foram alvo de discussão tafonómica por João Zilhão (Zilhão, 1998). Contudo, contrariamente ao que sucede em Vale Pincel, não está documentada qualquer ocupação mesolítica na área de Casas Novas.

Quanto à antiguidade da datação obtida, deve ser referido que não foi possível determinar a espécie vegetal datada, pela deformação sofrida pelo fogo. A interpretação desta data antiga deverá assim ser complementada com o conteúdo artefactual e, eventualmente, com novas datações.

7. Casas Novas em perspectiva: o Sorraia e a neolitização da margem esquerda do Baixo Vale do Tejo

O modelo démico clássico de neolitização da Península Ibérica, defendido por autores como João Zilhão ou Bernabeu Aubán, preconiza uma ocupação por colonos pioneiros na fachada atlântica, mantendo-se durante a segunda metade do 6.º milénio as ocupações dos grandes núcleos de povoamento dos caçadores recolectores especializados do Sado e do Tejo.

As investigações efectuadas, quer no Sado quer em Muge, têm privilegiado o conhecimento das ocupações mesolíticas, não obstante a presença pontual (e por vezes obliterada) de cerâmicas, inclusive de cerâmica decorada. Alguns contextos mesolíticos revelaram não apenas os fosséis directores, mas também cronologias que remontam à segunda metade do 6.º milénio, contemporâneas das primeiras ocupações neolíticas de comunidade produtoras documentadas na Gruta do Caldeirão ou no Almonda. A existência de novos projectos de investigação, quer no Concheiros do Sado quer nos Concheiros de Muge, poderá esclarecer esta situação, mas toda a margem esquerda do Baixo Vale do Tejo permanece ainda praticamente como *terra de ninguém*.

Podemos explicar o vazio de ocupação na margem esquerda do Tejo com vários factores inter cruzados.

Por um lado, as pesquisas centraram-se noutras temáticas, como os concheiros de Muge, em Salvaterra de Magos, com uma pesquisa já centenária ou no megalitismo, em Coruche, intensamente desenvolvido por Manuel Heleno durante os anos 30. À excepção do projecto ANSOR (na sua versão dos anos 80 e na recente reedição), não se regista a presença de investigadores na área da Pré-história que estudem o povoamento neolítico de Coruche.

Por outro lado, as condições naturais dificultam a preservação de contextos arqueológicos neolíticos nos terraços fluviais junto aos afluentes do Tejo. O sedimento arenoso não permite a conservação de matéria orgânica, óbice particularmente gravoso para a reconstituição paleoeconómica e dificulta a preservação dos níveis de ocupação. Sabemos ainda que a agricultura de regadio praticada em Coruche e Santarém decerto que afectou a conservação dos contextos neolíticos.

Apesar de todas as limitações, têm vindo a surgir novos sítios do Neolítico nesta área, essencialmente através da arqueologia preventiva, nomeadamente na Vala Real (Salvaterra de Magos) e Monte da Foz (Benavente), integráveis no Neolítico antigo evolucionado, bem como Moita do Ourives (Neves *et al*, 2008) já do Neolítico «médio».

A identificação de Casas Novas foi considerada como uma oportunidade para efectuar o estudo sistemático de um contexto na margem esquerda do Vale do Tejo. Mesmo com as limitações enunciadas ao nível da conservação dos contextos arqueológicos, a caracterização do modelo de neolitização destes territórios de «fronteira» é essencial quer para o conhecimento do final das ocupações do concheiros de Muge, quer para a aferição do modelo zonado da neolitização pioneira preconizado por João Zilhão.

Os 402 m² escavados e a obtenção de leituras geofísicas para uma extensa área permitem afirmar com segurança que o projecto de investigação em Casas Novas recuperou quase exaustivamente a informação disponível e que a amostra obtida permite desvanecer a margem de insegurança que usualmente se aplica a intervenções de investigação. Na realidade, a amostra escavada corresponde a uma das mais extensas áreas de escavação deste período no actual território português, sendo a mais extensa em contexto de investigação.

Face aos indicadores artefactuais recuperados, podemos afirmar que a principal ocupação remonta ao Neolítico antigo cardial, com 17 fragmentos recuperados e a presença de padrões decorativos integráveis neste período. É possível contudo que exista uma ocupação horizontal, sucessiva, como evidencia o espectro cronológico datado radiocarbonicamente. Na parte nascente do pinhal, poderá ter existido apenas uma fase de ocupação do Neolítico antigo mas as perturbações pós-deposicionais impedem a sua caracterização crono-estratigráfica. A parte poente, intervencionada em 2011, evidencia sucessivas ocupações sobre um nível de ocupação neolítico, mas a natureza sedimentar impede a definição estratigráfica desses episódios, documentados através da cronologia absoluta.

A datação Beta-310057 (meados do 6.º milénio B.C.E.) e o conjunto artefactual dominante parecem indicar que a ocupação de Casas Novas corresponde aos primeiros momentos da neolitização da fachada atlântica da Península Ibérica. Podemos ainda avançar com um modelo de ocupações curtas, sazonais, eventualmente associadas com a exploração de recursos ligados ao meio ribeirinho. Não existindo ainda outros casos contemporâneos de Casas Novas na margem esquerda do Tejo, a investigação neste local confirma a importância da compreensão desta área para testar modelos de difusão do Neolítico no actual território português.

Lisboa, Setembro de 2011
 Texto revisto no Inverno de 2012

- ¹ vsg@campus.ul.pt
 Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ),
 Grupo de trabalho sobre as antigas sociedades camponesas
- ² sousa@campus.ul.pt
 Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ),
 Grupo de trabalho sobre as antigas sociedades camponesas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDAY RUIZ, A.; MORAL DEL HOYO, S. (2011) – El dominio de la cerámica boquique: discusiones técnicas y cronoculturales. In BERNABEU AUBAN, J.; ROJO GUERRA, M. A.; MOLINA BALAGUER, L., ed. – *Las primeras producciones cerámicas: el VI milénio cal AC en la Península Ibérica*. Valencia: Universitat (Saguntum). Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia, Extra 12), p. 65-81.
- ANGELLUCCI, D. (2003) – A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia. In MATEUS, J. E., MORENO-GARCÍA, M., eds. (2003) – *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 29), p. 36-84.
- BERNABEU AUBAN, J. (1989) – *La tradición cultural de las cerámicas impresas en la zona oriental de la Península Ibérica*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistorica. Trabajos varios de Servicio de Investigación Prehistorica, 86).
- BERNABEU AUBAN, J.; ROJO GUERRA, M. A.; MOLINA BALAGUER, L., ed. (2011) – *Las primeras producciones cerámicas: el VI milénio cal AC en la Península Ibérica*. Valencia: Universitat (Saguntum). Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia, Extra 12), p. 65-81.
- BICHO, N.; CASCALHEIRA, J.; MARREIROS, J.; PEREIRA, T. (2011) – The 2008-2010 excavations of Cabeço da Amoreira, Muge, Portugal. *Mesolithic Miscellany*. 21:2, p. 3-13.
- CARVALHO, A. F. (1998) – *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço calcário das serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Edições Colibri. Textos Monográficos n.º 2, 110 p.
- CARVALHO, A. F. (2007) – *A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário estremenho e do Algarve Ocidental*. Provas de Dissertação de Doutoramento apresentadas à Universidade do Algarve. Policopiado.
- CARVALHO, A. F. (2011) – Produção cerâmica no início do Neolítico de Portugal. In BERNABEU AUBAN, J.; ROJO GUERRA, M. A.; MOLINA BALAGUER, L. – *Las primeras producciones cerámicas: el VI milénio cal AC en la Península Ibérica*. Valencia: Universitat (Saguntum). Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia, Extra 12), p. 237-253.
- DINIZ, M. (2007) – *O sítio da Valada do Mato (Évora). Aspectos da Neolitização no Interior de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. [Versão corrigida e abreviada da edição universitária de 2003].
- DINIZ, M. (2010) – O concheiro mesolítico do Cabeço das Amoreiras (S. Romão do Sado, Alcácer do Sal): um (outro) paradigma perdido? In GIBAJA BAO, J.; CARVALHO, A. F. – Os últimos caçadores-recolectores e as primeiras comunidades produtoras do sul da Península Ibérica e do norte de Marrocos. Faro: Universidade do Algarve. (*Promontoria Monografica* 15), p. 49-61.
- GONÇALVES, V. S. (1982) – O povoado calcolítico do Cabeço do Pé da Erra (Coruche). *CLIO, Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. Lisboa. 4, p. 718.
- GONÇALVES, V. S. (1983-84) – Cabeço do Pé da Erra (Coruche) contribuição da Campanha 1 (83) para o conhecimento do seu povoamento calcolítico. *Clio Arqueologia*. Lisboa. 1, p. 69-75.
- GONÇALVES, V. S. (2009) – Um sítio do Neolítico antigo no vale do Sorraia: Casas Novas (Coruche). Uma primeira notícia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12, n.º 2, p. 5-30.

- GONÇALVES, V. S. ; DAVEAU, S. (1984-84) - Programa para o estudo da antropização do do Baixo Tejo e afluentes: Projecto para o estudo da antropização do Vale do Sorraia (ANSOR). *Clio Arqueologia*. Lisboa, 1, p. 207-211.
- GONÇALVES, V. S. e DAVEAU, S. (1985) - A evolução holocénica do Vale do Sorraia e as particularidades da sua antropização (Neolítico e Calcolítico). In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 2 p. 187-197.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C.; MARCHAND, G. (no prelo) - *Na margem do Grande Rio. 1. Os últimos grupos de caçadores-recolectores e as primeiras sociedades camponesas no baixo Guadiana*. EDIA.
- NEVES, C. (2010) - *Monte da Foz 1 (Benavente): um episódio da neolitização na margem esquerda do Baixo Tejo*. Tese de dissertação de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/3730>
- NEVES, C.; RODRIGUES, F.; DINIZ, M. (2008) - Moita do Ourives - um sítio do Neolítico médio (Benavente, Portugal). In HERNANDEZ PEREZ, M. S.; SOLER DIAZ, J. A.; LÓPEZ PADILLA, J. A. - IV Congreso del Neolítico Peninsular. Alicante: Museo Arqueológico de Alicante, p.216-221.
- RAMOS, J.; LAZARICH, M., eds (2002) - *El asentamiento de El Retamar (Puerto Real, Cadiz)*. Cádiz / Puerto Real: Universidad de Cádiz / Ayuntamiento de Puerto Real.
- RODRIGUES, A. F. (2006) - Moita do Ourives: um habitat do Neolítico médio do Baixo Tejo. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: ADECAP / Universidade do Algarve.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) - *A Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SOARES, J. (1995) - Mesolítico - Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (2) (Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. VI: 27-45.
- VALERA, A. ; TERESO, J. ; REBUGE, J. (2006) - O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico final/Calcolítico inicial do estuário do Tejo. In BICHO, N. F. VERÍSSIMO, H., ed. - *Do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica: Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004*. Faro: Universidade do Algarve, 2006. (*Promontoria Monográfica* ; 4). p. 291-305.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico antigo*. Lisboa: IPPAR, *Trabalhos de Arqueologia*; 6.
- ZILHÃO, J. (2001) — Radiocarbon evidence for maritime pioneer colonization at the origins of farming in west Mediterranean Europe. *Proceedings of the National Academy of Sciences USA*. 98, p. 14180-14185.